

#17

## MERCADO DE TECNOLOGIA COM RODRIGO RIBEIRO

### Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Rodrigo Ribeiro

Eu sou Rodrigo Ribeiro, ou Digo, ou Digão, tenho 33 anos, nascido e criado no Rio de Janeiro, mais precisamente, em Realengo, comunidade da Cohab de Realengo, caçula de quatro irmãos. Além disso, sou desenvolvedor de *software*, *product manager*, e trabalho com tecnologia há mais ou menos uns sete anos. Trabalhei em pequenas empresas e em multinacionais, também sou empreendedor, desde muito novo, e, desde o ano passado, sou fundador e idealizador da Tecnogueto, uma empresa social, de tecnologia de Educação, que tem como principal objetivo apresentar tecnologias para guetos sociais e mostrar oportunidades. A Tecnogueto se baseia em alguns pilares principais: uma língua estrangeira - hoje ensinamos o inglês; o psicossocial - onde fazemos levantamentos e ensinamos algumas coisas relacionadas ao socioemocional, inteligência emocional, principalmente; o ensino de tecnologia. Gosto de apresentar a Tecnogueto, começando pelo nome. “Tecno” vem de tecnologia, e a gente tem o objetivo de poder abordar o máximo possível de assuntos relacionados à tecnologia; e o “gueto”, que a gente busca o significado da palavra gueto, que está muito relacionado a favelas. O “gueto” do Tecnogueto é a essência da palavra mesmo, que são pessoas que estão em guetos dentro da sociedade. Dentro da sociedade, da comunidade de tecnologia, existem vários guetos: o das mulheres; o de pessoas pretas; o das pessoas LGBT+, são poucas, dentro da área de tecnologia. E a Tecnogueto tem como principal objetivo inserir todas essas pessoas no mundo da tecnologia. Só enfatizando, que tudo isso que a gente faz é inteiramente gratuito para os nossos alunos e presencial. Fizemos um ano, em março, e já conseguimos formar 35 pessoas, sendo que 14 já estão no mercado de trabalho de tecnologia. É algo bastante significativo para nós. O principal objetivo da Tecnogueto, por incrível que pareça, não é a empregabilidade, e, sim, a apresentação no mundo de tecnologia, como ele precisa ser apresentado para todas as pessoas, mostrando para elas que, em termos sociais, a tecnologia é um caminho para que elas possam aprender profissões relacionadas à tecnologia. Além disso, precisamos mostrar um novo mundo e trazer novas perspectivas para elas, assim como foi para mim, quando comecei, na tecnologia, até hoje. Então, tudo o que eu tenho e conquistei e muitas das coisas que eu aprendi, foi depois

que eu entrei no mundo da tecnologia. E isso me fez querer sempre mais, avançando em busca dos meus sonhos e meus objetivos. A tecnologia traz isso de uma maneira muito legal e, infelizmente, poucas pessoas têm oportunidade para experimentar isso.

Pouca gente sabe o que é o mercado da tecnologia. Imaginam que é algo que não é para elas, que não têm a capacidade de aprender a profissão, e muitas pessoas não têm a oportunidade de ter os equipamentos necessários para estar exercendo algumas coisas. O mercado de tecnologia, como um todo, é muito elitista, até mesmo, neste ponto. Para a pessoa ser uma designer hoje, essas ferramentas já têm um acesso mais fácil e não necessitam de uma máquina tão potente. Mas, ainda, passa muito a impressão de que você precisa ter uma super máquina, precisa fazer uma super faculdade, e várias outras coisas para conseguir estar se formando em designer, por exemplo, em programação. Acho que falta, também, um certo cuidado com as pessoas, porque a maior parte da população é público D e E, e pessoas de favelas, e pobres de uma maneira geral, que, talvez, não tenham essa oportunidade e não saibam que essas coisas existem.

No setor de tecnologia, os impactos do Corona foram relativamente baixos porque a grande maioria dessas empresas já está acostumada, tanto com o *home office*, ou com pessoas trabalhando de forma remota, muitas coisas já estão na nuvem, então esse impacto acaba sendo muito baixo. Na questão de demanda, ficou mais ou menos a mesma coisa, tirando algumas exceções, que foram os setores que mais sofreram com o Covid, como os de hotelaria, turismo, lazer. Mas, as empresas que estavam bem estruturadas para isso não tiveram um grande impacto, e conseguiram tocar o dia a dia normalmente. Para ter interesse na área de tecnologia, as pessoas precisam conhecer e saber o que são as áreas de tecnologia. Uma coisa positiva que veio no Covid foi a questão das lives, mas, na minha opinião, elas acabaram ficando bastante banalizadas pelo número de lives desenfreadas a todo tempo, onde a gente não conseguia se concentrar e saber qual fazer. Mas, creio que com a possibilidade do *home office*, no futuro, daqui a uns dois, três meses, as pessoas que conseguiram se adaptar, trabalhar, acabam ganhando bastante, e talvez isso traga uma possibilidade para a tecnologia, de uma forma geral.

Acho que estamos começando a entrar numa bolha de tecnologia, a bolha das *startups* – tenho lido bastante sobre isso – e é algo que está se aproximando. Empresas tiveram movimentos nesse sentido, cresceram desenfreadamente, porque o mundo do *startup* exige que você tenha um crescimento para depois ter lucro. Só que quando você não tem nenhum tipo de renda, que é no caso do Covid, ou a renda diminui bastante, você acaba tendo que fazer algumas exceções. Acho que é por isso que algumas empresas fizeram essas demissões em massa. Acredito também que, como a gente vai entrar em um momento de contenção de gastos, de realocação de recursos, talvez esse ano, ou no próximo, talvez a bolha de *startup* não estoure, mas, talvez, fique bem mais difícil, e as empresas

comecem a perceber que dinheiro não é infinito. Há várias delas que não estão vendendo praticamente nada, como, por exemplo, as empresas de patinete, que acham que isso vai revolucionar o mercado, e acaba de uma hora para outra. Outras empresas estão “vendendo” vento e, daqui a pouco, os investidores cairão na real em relação a isso, e vão começar a alocar dinheiro e realocar em locais onde, realmente, resolvam o problema. Acho que o grande problema hoje na maioria das *startups* e empresas de tecnologia é que poucas estão preocupadas em, realmente, resolver um problema real. Muitas estão adotando soluções, baseadas nas que já existem e deram certo, mas não se preocupando se, realmente, estão resolvendo algum problema. Isso vai ter um preço, e acho que esse preço está começando a chegar e ser bem caro para todo mundo.

As pessoas de tecnologia, que estiverem prontas e preparadas, vão continuar no mercado, mas uma outra parte dessas empresas vai sofrer bastante. No futuro, vai acabar acontecendo alguns tipos de automação, onde pessoas de tecnologia vão sair um pouco na frente, em relação a não perder os empregos, vai ter uma demandada de grandes coisas de emprego, e talvez, isso traga oportunidades e olhares para as empresas de tecnologia. Isso tem que ser um dever de casa, que a gente precisa fazer e, por enquanto, pelo menos, no Brasil, a gente não tem feito. Muitos não estavam preparados para o *home office* e para o número de informações que a gente ia passar a receber. Vejo muitas pessoas dizendo que estão perdendo o prazer de programar ou fazer qualquer coisa relacionada à tecnologia, por conta do excesso de informações e do tempo que passam na frente da tecnologia. Acho que esse é o maior impacto que a gente vai ter relacionado ao Covid no mercado de tecnologia. Serão as pessoas, e não o mercado em si. A primeira grande tendência é a questão de tudo relacionado a dados - geração de dados, mineração de dados, filtragem de dados, analisar dados para negócio ou para um negócio específico. Acredito que os profissionais que começarem isso agora vão sair na frente em relação aos demais; os dados, de uma forma geral, vão ser cada vez mais valiosos e, não só para consumo de produto, mas, também, para a customização de produtos, e ideação de produtos. As empresas estão cada vez mais conscientes que não dá para fazer as coisas baseada somente no instinto ou no achismo, e que dados e números podem trazer um retorno muito mais rápido.

O segundo aspecto é a questão da automação, residencial, mas não só isso, automação e automatização. Cada vez mais, esses dispositivos de voz vão entrar no nosso cotidiano, como Alexa, como o Google Home, e outros. Antes, estávamos muito acostumados a comandar tudo via texto, e, aí, vieram os aplicativos, o Torque nos *smartphones* e tal, e, agora, isso vai passar a ser tudo por voz. Uma outra tendência que virá muito forte. O terceiro aspecto que também virá muito forte é a customização de ferramentas próprias para cada uma das pessoas. Então, cada vez mais, faz menos sentido eu ter um super microfone Power Off, se eu só preciso gravar um áudio, por exemplo. Acho que as empresas vão começar a

baratear e a fazer, cada vez mais, coisas mais customizadas, de acordo com a necessidade de cada um dos usuários. Acho que essas são as tendências para o mercado de tecnologia. A programação, de uma maneira geral, continua sendo uma tendência, porque tudo isso que eu falei depende de programação para acontecer, é uma tendência que vai demorar a cair. Uma coisa que tem entrado muito em tendência e discussão é a parte da experiência do usuário em todas as linhas, desde o texto que vai ser escrito, até a questão da acessibilidade. E, por último, uma outra tendência que, talvez venha principalmente aqui para o Brasil, e eu torço bastante, e vejo cada vez mais empresas olhando para isso, é a questão da diversidade. Não olhando para a questão da diversidade como uma ferramenta de marketing, mas, sim, como uma ferramenta de engajamento de potência e de ganho financeiro. As empresas estão começando a perceber que as minorias - vamos chamar assim - consomem bastante e são pessoas que têm poder de compra, e acredito que, cada vez mais, as empresas vão estar olhando para isso.

Dica para quem está começando na carreira de tecnologia: experimentar, não ter medo de errar. Sei que isso é um pouco difícil, saindo de onde eu saí, conheço bem a história, trabalho desde os 16 anos. A principal coisa que me motiva e motiva muitas pessoas no mercado de tecnologia é a questão da urgência - temos muita urgência para ajudar os nossos pais em casa, para ter as nossas coisas, nossa independência financeira, mas acho que as pessoas que puderem esperar um pouco e experimentar, sem medo de errar, sem pensar que está perdendo tempo, aproveitar o momento ali. Eu comecei a programar porque era algo que me divertia, não tinha pretensão nenhuma de começar a trabalhar com programação; então, acho que essa é a primeira dica. A segunda é procurar influências, principalmente, as pessoas que tiveram a mesma vivência. Há vários canais que eu poderia indicar. De uma forma nacional, tem o Afropai, o QuebraDev, a própria Tecnogueto, e aí você começa a achar outros núcleos e pessoas que têm a mesma vivência, que passaram as mesmas dificuldades. Tente pegar um pouco das experiências com essas pessoas, seja um pouco cara de pau mesmo, pergunte o que fazer, por onde começar. Outra coisa também é usar a internet como aliada, há ferramentas gratuitas para isso. O próprio YouTube é uma baita ferramenta, tem o Twitch Camp, que muitas pessoas estão fazendo coisas relacionadas à programação, tem outras iniciativas como a Tecnogueto, que dão o primeiro passo para as pessoas que, realmente, não consigam aprender sozinho na internet. Use a internet, não só como distração. Ela tem um poder muito grande de conseguir suprir a gente em várias frentes. O principal é saber aproveitar. Outra dica é se organizar, tanto para estudar, quanto para ter um plano de carreira, vislumbrar coisas, sonhar alto, saber qual é o seu objetivo, aonde você quer chegar, que coisas quer aprender, o que você quer fazer, e isso é desde, eu quero colocar um site meu no ar, quero fazer um novo Facebook. Colocar os objetivos, os caminhos, é essencial. Se tiver alguma dúvida, ou quiser conversar, pode entrar em contato comigo nas redes sociais. Cada vez mais, eu quero fazer isso para mais pessoas. Acho que essas são minhas dicas principais.